

A Anarquia não está podre...

Quando se fala em sistema político internacional, há várias visões possíveis. Há quem defenda que podemos viver em sistema de Império Mundial, em sistema Feudal, ou de Anarquia. Adriano Moreira tem sustentado que se vive hoje no que designa por “Anarquia Madura”. É uma análise válida. Adriano Moreira também chama a atenção para um paradoxo do Estado. O Estado contemporâneo é muitas vezes demasiado grande para tratar de pequenos assuntos (como a perda de uma casa) e demasiado pequeno para tratar de grandes assuntos (o tráfico transnacional de drogas ilegais, por exemplo). Vivemos assim numa situação em que estamos no “velho oeste” sem xerife, pois os Estados Unidos, saídos aparentemente muito fortes da Guerra fria, já entenderam que não podem, sós, “arder em todos os lumes”. Podemos até perguntar se é do interesse de quem vive no Ocidente policiar as rotas marítimas junto à Somália, com enormes gastos e proveitos para as exportações e importações da China e Japão, entre outros, que nada fazem, em termos militares ou de financiamento, para sustentar os gastos de tais “patrulhas”. Fará sentido que Portugal participe nisso? Os paradoxos não ficam por aqui. Hoje, na chamada era da Globalização, há cada vez mais povos que querem ter um Estado (Nação politicamente organizada, dizia Salazar). À medida que nascem Estados (como Timor-Leste) vemos o limite de um possível “Governo Mundial” baseado num “Estado Mundial”. As pessoas identificam-se com um Estado, uma bandeira, um hino, uma terra, uma língua, mas não só: querem sentir-se identificadas como algo específico, só representável pelo Estado. Para se pertencer a um Estado temos de nos lembrar de muitas coisas e esquecer muitas mais, disse Ernest Renan. Curiosamente, os movimentos independentistas africanos invocaram um incrível sofisma quando se estabelecerem nos territórios definidos pelos colonizadores... Esqueceram-se da total independência porque isso era complicado! Em África existe uma quantidade incrível de povos “embarrilada” em cerca de 50 Estados! Ninguém se lembra – nem quer lembrar – da especificidade de Cabinda, por exemplo. O planeta encolheu, entretanto. O Mayflower levou 3 meses a chegar à América do Norte; Lindbergh levou 24 horas em 1924; hoje isso não é uma aventura, é uma banalidade e é muito mais rápido. Com a internet o preço das comunicações em tempo real tornou-se insignificante e os «Organizadores» sem rosto do Mundo, percebendo a Anarquia e a incapacidade dos Estados, não estão preocupados. Deslocaliza-se o trabalho para países com salários muito baixos, produz-se a centimos para vender a dezenas ou centenas de euros, porque o avião de carga é igualmente rápido. No futuro que é já hoje, chegarão profissionais dóceis, sem direitos, à Europa, que trabalharão em concorrência direta com os locais. Não há tempo, nem conhecimento para pensar em armas, mudanças climáticas, envelhecimento populacional, ou camada de ozono. Enquanto o professor «incomoda» os alunos com as suas aulas, milhares de milhões de dólares transitam pelo planeta por mensagens eletrónicas de computadores. Temos assim a «Anarquia aparente», porque há quem governe e se governe muito bem com esta situação. A Ética não é um sistema de regras, isso é mais a deontologia e mesmo que o fosse, quem imporá Ética a este «governo» sem Estado nem rostos? O futuro da nossa espécie está em grave risco. Tudo é considerado igualmente válido, da Mona Lisa ao célebre urinol de Marcel Duchamp, do proprietário de um café ao vendedor de droga a crianças, nas ruas, que polícia alguma vislumbra. Tudo muda, depressa, sem regra nem lógica. O Bangladesh, com uma superfície semelhante à de Portugal, 143 998 km², tem

já mais de 164 milhões de habitantes! Aí, morre uma pessoa a cada 34,8 segundos, nascendo outra a cada 8,6 segundos! (1) Gorbatchov disse que o mundo se iria tornar um Brasil, mas está a tornar-se um Bangladesh!

1) <http://www.breathingearth.net/>

Carlos Mota, UTAD, Vila Real.